

SOBRE CORPOS DO MUNDO REAL: A MULHER PARA ALÉM DA MATERNIDADE

Marcília Poncyana Félix Bezerra
Hermano de França Rodrigues - Orientador

Universidade Federal da Paraíba
marcilliap@gmail.com
hermanorg@gmail.com

Resumo

Enquanto certas esferas midiáticas ditam regras de como deve ser mãe e de como a mulher deve ser para se tornar mãe, através de uma perspectiva fantasiosa e romantizada sobre a maternidade e a maternagem, outras plataformas servem de suporte para um discurso contrário promulgado por mulheres que dizem seu corpo e de sua experiência de ser mãe, compartilhando relatos sobre esse processo. Por muito tempo, a maternidade foi colocada como fundamental para tornar-se mulher, pois compunha àquilo que a identidade feminina se denominava. No Complexo de Édipo, Freud (1924) traz a promessa de um filho, na menina, como alternativa para suportar a falta do falo. A mulher, durante anos, foi colocada nesse lugar para procriação, além da sua escolha ou do seu desejo de ser mãe. Na esteira de inquietações levantadas pelo feminismo, sobressaem discussões sobre o que quer uma mulher e o lugar de fala ao que antes era silenciado, e, ainda assim, é possível perceber uma grande valorização da maternidade, com uma visão mercadológica, dentro de padrões arbitrários, distanciando-se muitas vezes da realidade da mulher. Levando em consideração que a maternidade faz uma marca no corpo da mulher, sob uma visão psicanalítica e através dos discursos de mulheres que conseguiram dizer algo dessa marca, com relatos encontrados nas redes sociais, esse trabalho pretende refletir sobre a imagem desse corpo e como a maternidade se dá nesse corpo da mulher; que marcas são essas? O que e como essas mulheres estão dizendo dessas marcas?

Palavras-chave: corpo, mulher, maternidade.

INTRODUÇÃO

É possível perceber nas mídias atuais uma demarcação acerca de padrões a serem seguidos por mulheres e mães. Essas imposições, que ocorrem há muito tempo, vêm seguindo uma lógica de uma mulher ideal. Lógica essa que, entre outras coisas, acredita que para a mulher, a maternidade é algo tão natural, devido também ao caráter biológico, que não há

escolha: a mulher precisa ser mãe, inclusive com uma promessa de completude e realização.

Com o passar dos anos a mulher foi conquistando os espaços, para além do que o patriarcado lhe impôs. Conquistou o direito ao voto e com advento da pílula anticoncepcional (na segunda metade do século XX), pôde começar a optar por ter ou não filhos e sobre o seu tempo de ser mãe, se assim o quisesse. Mas ainda assim, depois de tantos avanços, a mulher ainda é colocada nesse lugar de sagrado, quando se trata de maternidade, e é difícil pensar em uma mulher sem fazer associação com a maternidade.

Assim, a maternidade é colocada como algo totalmente instintivo, onde toda e qualquer mulher já nasce preparada para passar pela experiência de ter um filho, e o que era passado através das gerações, hoje ganha um maior espaço através da expansão dos diversos meios de comunicação, em especial as redes sociais. No imaginário coletivo a maternidade é colocada como algo sublime, ocorrendo uma romantização desse processo, afastando-se cada vez mais da realidade que essas mulheres vivem.

Pensando nessa diferença entre o que é realmente vivido pelas mulheres e do que a mídia coloca como padrão, esse trabalho se propõe a pensar à luz da fala dessa mulher nesse espaço de veiculação se colocando em lugar cada vez mais reais, e distante do que é dito como norma para a maternidade. Entendendo que nessa era digital pode-se encontrar um discurso mais próximo de mulheres reais, que dizem de sua experiência e se colocam de maneira única no seu processo de ser mãe, falando sobre seus corpos, desejos e vivências.

METODOLOGIA

As questões que envolvem a maternidade sempre foram colocadas como inerentes e fundamentais para o tornar-se mulher. A menina é educada para casar e ter filhos. A mulher é impelida pela sociedade para que, em algum momento, e até certa idade, conceba uma criança. E, mesmo através das inúmeras discussões sobre o tema e do espaço que a mulher conquistou diante de todas essas imposições, a maternidade ainda é colocada para a mulher

como algo constituinte.

Freud, ao criar sua teoria, pensa o Complexo de Édipo para explicar o desenvolvimento da sexualidade. Segundo ele, todos as crianças passaram por esse processo, meninos e meninas, cada um com suas particularidades. No texto Dissolução do complexo de Édipo (1924), Freud diz que

O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza - ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer - do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente - dar-lhe um filho. (FREUD, 1923-1925. Pág. 198)

Posteriormente, em outro texto – Feminilidade - Freud (1933 [1932]), que até então ligava a feminilidade e passividade à mulher, retoma a ideia e a discute nos alertando “para não subestimar a influência dos costumes sociais, que de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva”. A preocupação de Freud não era descrever o que é uma mulher, mas pensar em como essa se forma e se desenvolve.

Ainda com relação à sua feminilidade e da sua constituição enquanto sujeito mulher para Freud, Maria Rita Kehl vem nos explicar que “não se trata de negar a importância da maternidade (...) trata-se de apontar para o fracasso de uma posição subjetiva que não produz discurso, da qual só se espera que corresponda ao que já está designado no discurso do outro”. (KEHL, 2008. Pág. 66).

Ainda assim a mulher se depara com as imposições da sociedade e da cultura, desse Outro, para o que é possível para a mulher e mãe. No que diz respeito a maternidade, esta é colocada como a única possibilidade de realização pessoal, uma vez que a partir de um

determinismo biológico, fomentado pela modernidade e capitalismo, a mulher estaria “pronta” para desempenhar essa “função”.

Juntamente com essa ideia, a visão de uma mãe perfeita também é disseminada. Uma mulher-mãe que não encontra desafios e que, instintivamente, coloca para maternidade e maternagem uma relação de encontro perfeito. É isso que grande parte da mídia e a própria sociedade nos seus mais diversos grupos querem que a mulher acredite fazendo disso uma regra, que caso a mulher-mãe não se adeque está fora dos padrões, ou seja, marginalizada.

Utilizando plataformas de mídia como *Instagram* (rede social para compartilhamento de fotos e vídeos) e *blogues* (site pessoal para troca de experiências de acordo com interesse do proprietário), para coletar discursos de mulheres que se propuseram a falar sobre sua experiência na maternidade de uma maneira própria, mostrando que é possível essa maternidade e maternagem de acordo com as suas possibilidades. É na escuta dessas mulheres, que encontram voz na mídia, que se faz a importância desse trabalho.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A mulher na contemporaneidade já tem o direito de escolher ser mãe e quando o fazê-lo, rompendo com o que lhe foi imposto ao longo da história de que para ser mulher era preciso se tornar mãe. O que não quer dizer que para mulher a maternidade se tornou algo descartado. Como coloca Emídio (2011)

Nessa questão de construção de identidade percebemos que o ser mãe envolve o ser mulher e muitas vezes, na maioria delas, já que obedecemos a um imperativo social, ser mulher envolve o ser mãe. Porém, hoje podemos considerar a possibilidade da vivência da feminilidade independente da vivência da maternidade, sendo estas correspondentes às singularidades femininas arroladas e a uma questão de possibilidade de escolha na vida de uma mulher. (EMÍDIO, 2011. Pág. 99)

Esse lugar de escolha também dá a mulher o espaço para falar daquilo que passa por ela. Um lugar de fala que na atualidade se coloca são as redes sociais. No *Instagram* por exemplo, é possível ver perfil de mulheres que compartilham sobre sua experiência de maternidade e maternagem e através de *hashtag #paposmaternos* essas mulheres se encontram e partilham seus relatos umas com as outras e com o mundo.

Essas mulheres contam da sua trajetória para um tornar-se mãe se distanciando das propagandas de uma maternidade inata. A mulher não nasce mãe, trata-se de um processo que a própria relação mãe-filho exige. Por isso é uma experiência única e não é o biológico que vai ser o definitivo nessa relação, assim como também não vai definir como essas mulheres devem exercer essa maternidade. (DONATH, 2017)

Outra questão que tem um peso importante nessas implicações do que se espera de uma mãe é a dualidade “boa mãe – mãe ruim” que sempre pairou sobre a maternidade. Donath (2017) aponta a maternidade como um projeto público e não privado, para dizer que as mulheres que decidem se tornarem mães “estão submetidas aos ditames sociais de como deveriam conduzir a relação com seus filhos de forma a serem consideradas “boas mulheres” e “boas mães”. O privado, como aponta Clemens (2015), seria a relação “ao que é de cada um, a intimidade com seu corpo, seus afetos”, ao que diz respeito à sua própria experiência.

Esses modelos parecem cada vez mais difíceis de se alcançar, o que também vem trazendo consequências à essas mulheres-mães, porque é muito difícil estar “adequado” e com a realidade sendo diferente, muitas mulheres entram em sofrimento por se colocarem nessa corrida:

“Eu no começo não queria ter babá, um misto de medo de julgamentos, do tipo ‘ah, quem tem dinheiro pode escolher ter babá.’ Ou ‘ah, mas não consegue cuidar sozinha.’ Mas a verdade é que ninguém vive a minha vida, nem as dores, nem as delícias.” (Link 1)

Donath (2017) coloca que esse modelo tenta regular o comportamento que essas mães deveriam ter, assim como seu mundo emocional de acordo com normas afetivas que

classificariam essas mulheres-mães como “boas mulheres” e “boas mães” tanto como pessoas quanto como seres emocionais. De certa forma, exigindo que essas mulheres se sintam todas da mesma maneira, se assim quiserem responder a esses nomes.

“Meu corpo exalava odores diferentes, odores que emanava vida, presença, meu corpo mudou de cor, mudou o ritmo, experimentou sensações, e sim, nossa riscado em muito se harmonizou. Ainda falta um bocado para que possamos em fim fazer as pazes definitivamente, mas a gestação e maternidade me fez vê-lo em sua grandeza, e em sua beleza, para além de padrões estéticos aos quais eu não correspondo!” (Link 2)

O modelo continua exigindo das mulheres-mães que corresponda a esse padrão impossível. Sobre isso, Donath (2017) expõe que “esse modelo espera do corpo das mulheres – enquanto ainda grávidas, imediatamente após o parto e anos depois do nascimento dos filhos – que atenda aos mesmos padrões heteronormativos que o mito da beleza e da sexualidade impõe às mulheres em geral”. (Pág. 55, 2017)

“Amamentar é suave na propaganda de dia das mães, mas na vida real dói, vaza leite (tipo torneira aberta) o tempo todo, te limita que roupas usar (R.I.P. vestidos que eu amava), você vive cheirando azedo, com a blusa meio molhada se não estiver sempre com uma fraldinha por perto. Tem que ficar de olho que o leite pode empedrar, tem que massagear e fazer compressa.” (Link 3)

Assim, as mulheres acabam sem nenhuma autonomia sobre seu corpo e sua experiência do tornar-se mãe, encontrando-se dividida entre a sua própria vivência e as imposições que recaem sobre a sua história. Essas imposições estão desde o seu corpo até o seu comportamento enquanto mãe, distanciando-se cada vez mais essa experiência do seu real, tornando a construção da maternidade uma prática torturante e nociva.

“Acordo todos os dias como se um caminhão tivesse passado por cima de mim, com dores no corpo inteiro por andar horas e horas ninando um bebê que fica mais pesado a cada dia. Brinco que minha academia é aqui mesmo, dentro de casa. Caminhada e

levantamento de peso, tudo junto, o dia inteiro.” (Link 4)

Dessa forma, as tentativas de regulação dos sentimentos maternos ou que circulam a maternidade estão presos também às questões sociais que vão além do nosso tempo e estão arraigados na nossa cultura. Como bem coloca Donath (2017),

Ainda hoje, quando estamos diante de retratos da maternidade com mais matizes e mais do que nunca as mães podem expressar suas dificuldades e angústias, que tendem a ser normalizadas e, portanto, discutidas mais livremente em pesquisas e debates públicos, a maternidade continua a ser capturada no imaginário coletivo como um lugar onde se dispensam cuidados com afeto e ternura, livre de conflitos interpessoais. (pág. 61, 2017)

A mulher-mãe de hoje está um pouco mais livre para ser e sentir a maternidade à sua maneira, se encorajando através do seu próprio sofrimento nessa realidade um tanto cruel e distante das suas escolhas.

CONCLUSÕES

Embora se tenha discutido durante anos a respeito da imposição da maternidade à mulher como uma maneira de constituição de sujeito, pensar a maternidade é também pensar na mulher e no feminino. A psicanálise discutiu e continua discutindo esse tema porque ainda é um questionamento o que leva a mulher a escolha para maternidade.

As mulheres que fazem essa escolha da maternidade ainda encontram outro desafio no que diz respeito à sua experiência: precisam dar conta das imposições que o meio tenta, em suas diversas formas, colocar como o padrão de ser mãe. Nesse sentido, a liberdade conquistada acaba sendo cerceada por questões que vão além da sua própria escolha, uma vez que se sentem impelidas a responder esses padrões.

Algumas mulheres encontram nas redes sociais uma maneira de encontrar outras mulheres e falar sobre as suas “dores e delícias” no seu processo de maternidade, não só para

um desabafo, mas também para mostrar que esse processo nem sempre é fácil e que isso não é ser anormal ou estar fora do padrão, é o simples fato de poder viver essa experiência do seu jeito.

Muitas dessas mulheres, que encontram nessa alternativa uma rede de apoio, expondo suas dúvidas e dificuldades são vistas como mães ruins ou que não estão capacitadas para “desempenhar seu papel de mãe”. Essas afirmativas vão tentar cercear os sentimentos e atitudes dessas mulheres o que acaba alimentando uma ideia de não pertencimento e até mesmo de adoecimento dessas mães.

E mesmo com tantas discussões e avanços acerca do tema, ainda é possível encontrar barreiras nos discursos dessas mulheres. É importante ressaltar que essas mulheres-mães encontraram em outras histórias apoio para continuar escrevendo a sua própria história se encorajando a cada dia a construir uma memória diferente para a maternidade.

Esse estudo não se limita aqui, é preciso que se continue pesquisando e discutindo sobre a mulher e a maternidade, a fim de que se possa expandir esse lugar de fala e, quem sabe, diminuindo as barreiras e adoecimentos, essas mulheres experimentem a maternidade à sua maneira, livres das imposições que o social lhes coloca.

REFERÊNCIAS

CLEMENS, Juçara. **A (mal) dita maternidade: a maternidade e o feminino entre os ideais sociais e o silenciado**. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. 2015. 269p.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Tradução Marina Vargas. – 1ª Edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

EMIDIO, Thassia Souza. **Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

FREUD, Sigmund. **Novas Conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard brasileira.

Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O Ego o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Imago. 2008.

Links dos relatos:

1 - <https://www.instagram.com/p/BiNSvdYh9T8/?tagged=paposmaternos>

2 <https://www.instagram.com/p/BhDOy08no5zNSwuRKVoa3muUntK0qD6KX191ZM0/?tagged=paposmaternos>

3 - <https://www.instagram.com/p/BixRBGpBrfm/?tagged=paposmaternos>

4 - <https://www.instagram.com/p/Bg3x1OmHI8F/?tagged=paposmaternos>

